

16 ABR 1988

Sarney

# O discurso de Jales

Seria bom que o Presidente, neste restante de mandato, desse preferência a suas visitas ao interior do País, como fez recentemente no Nordeste e agora em Jales, próspera cidade do norte paulista. Que poderá fazê-lo, sem os riscos de sofrer insultos, orquestrados pela esquerda comunitária ou partidária, já está demonstrado: é uma questão de segurança organizada e eficiente, missão que é da responsabilidade de órgãos policiais dos Estados e, por se tratar do chefe da Nação, das indiscutidas Forças Armadas. O povo tem, por tradição, um respeito total à presença de tropas federais, seja qual for a circunstância.

Em primeiro lugar, uma visita, como a de Jales, restitui ao presidente a oportunidade do contato direto com o povo, o que lhe estava faltando desde o perecimento do Plano Cruzado. Também o povo quer um contato mais estreito e permanente com o Presidente, quer ouvi-lo, quer sentir o que se passa na cabeça de um homem simples e tolerante, como é o homem comum brasileiro, responsável por uma transição política

desordenada.

Politicamente, também, o País era um caos absoluto quando saiu o Governo Figueiredo. De um lado, o PMDB aguerrido, chegando da frente de batalha para assumir o poder; muitos dos guerreiros ainda estavam com gosto de sangue na boca, os uniformes sujos da campanha, as roupas (e as mentes) camufladas, sabendo só matar ou morrer. Governar, que exige tranquilidade, tolerância, energia e às vezes ternura, é que não sabiam, a isto não estavam acostumados. Todos nos lembramos do comportamento dos soldados americanos que escaparam do Vietnã e retornaram a seus lares, ou da juventude que, na Europa, voltou dos campos de batalha. Em um e em outro caso, tiveram dificuldade em readaptar-se à rotina da vida comum, aos hábitos morigerados, à renúncia da violência como norma de comportamento diário. Assim aconteceu com os políticos do PMDB, que trilharam os vinte e tantos anos de ditadura enfrentando "pastores alemães", cassações injustas e perseguições administrativas, policiais ou fiscais. Ainda não se desacostumaram do

clima, mas perderam o espírito de união que é o apanágio da frente de batalha: seu partido está fragmentado de tal forma, que o governador Quéricia é obrigado a sair por aí ajuntando os cacos para tentar ter uma legenda unida capaz de conduzi-lo na sua futura ambição presidencial.

Faltou, e continua faltando, união de esforços para carregar a transição. O Presidente teve que passar três anos governando com os vícios das leis do passado, porque outras não lhe foram ofertadas. O que pediu aos políticos, uma nova Constituição, parece construção de igreja, não tem fim. Teve razão ele, quando afirmou em Jales, que o Brasil precisava de um homem que tivesse a capacidade de não perder a paciência e de ter tranquilidade para aceitar as injustiças, a violência verbal e até o terrorismo moral. Caso contrário, não estaríamos a caminho de um Estado de Direito. O discurso de Jales foi muito bom e deverá ser repetido em outras oportunidades, para o povo saber com quem conta.